

Neste tempo de Advento, deixemo-nos despertar do torpor e acordemos do sono! Perguntemo-nos: estou consciente do que vivo, estou alerta, estou desperto? Procuremos perguntar-nos: estou ciente daquilo que vivo, estou atento, estou acordado? Procuo reconhecer a presença de Deus nas situações quotidianas, ou estou distraído e um pouco sobrecarregado com as coisas?

Papa Francisco, *Angelus*, 27 de novembro de 2022.



Boletim de Espiritualidade

1 DEZEMBRO 2022
Ano IX Nº 102

102



Agenda dezembro 2022

- 2 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 2 a 4 **Braga** (Casa de Soutelo) – Retiro de silêncio: pausas para Deus [🔗](#)
- 2 a 4 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro de Advento – P. José Arún [🔗](#)
- 4 **Portimão** (Centro Pastoral) – Curso: Introdução à prática da meditação cristã: João Correia [🔗](#)
- 5 **Fátima** (Santuário) – Recolecção: P. Manuel Armindo Pereira Janeiro [🔗](#)
- 5 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro bíblico [🔗](#)
- 6 **Porto** (C. Cultura Católica) – A hospitalidade e a prática do acolhimento pastoral – Manuel Monteiro Mendes [🔗](#)
- 7 a 11 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 7 a 15 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 9 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 11 **Viana do Castelo** (Carmo) – Concerto «Solidão Sonora» [🔗](#)
- 15 **Lisboa** (UCP) – Conferência: *O Natal a partir de Mateus: perspetivas teológicas e vivências sociais* – João Duarte Lourenço [🔗](#)
- 15 a 18 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 16 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 16 a 18 **Ávila** (CITeS) – C.G. Jung e São João da Cruz [🔗](#)
- 16 a 18 **Ávila** (CITeS) – O maravilhoso que é existir [🔗](#)
- 17 **Braga** (Carmo) – Encontros com a Palavra (reflexão, diálogo e oração) – Fr. Francisco Maria [🔗](#)
- 22 **Online** – Curso Bíblico – P. Armindo Vaz, ocd [🔗](#)
- 26 a 31 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 27 a 31 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 28 a 1jan **Rostock** (Alemanha) – Taizé: Encontro Europeu [🔗](#)

Agenda janeiro 2023

- 3 **Porto** (C. Cultura Católica) – As instâncias eclesiais de corresponsabilidade pastoral – Emanuel Brandão de Sousa [🔗](#)
- 5 a 8 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 6 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)

- 6 a 8 **Fátima** (Domus Carmeli) – XXIII RUMOS [🔗](#)
- 6 a 8 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 6 a 13 **Braga** (Casa de Soutelo) – Acerca da liderança: A sabedoria do pescador! [🔗](#)
- 7 a 8 **Rodízio** (Jesuítas) – Relógio da Família [🔗](#)
- 9 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro bíblico [🔗](#)
- 9 a 28 **V. N. Gaia** (Redentoristas) – Curso: Explica-me porque tenho de ir à missa [🔗](#)
- 10 **V. N. Gaia** (Redentoristas) – Curso: Lucas: leitura infinita (termina a 25 de março) [🔗](#)
- 12 **Online** – Curso Bíblico – P. Armindo Vaz, ocd [🔗](#)
- 12 a 15 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 13 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 20 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 20 a 22 **Braga** (Casa de Soutelo) – Eneagrama I [🔗](#)
- 21 **Braga** (Carmo) – Encontros com a Palavra (reflexão, diálogo e oração) – Fr. Francisco Maria [🔗](#)
- 21 e 22 **Braga** (Casa de Soutelo) – Fim de Semana para noivos [🔗](#)
- 26 **Online** – Curso Bíblico – P. Armindo Vaz, ocd [🔗](#)
- 27 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 21 **Viana do Castelo** (Carmo) – I Jornada Pastoral com Teresinha do Menino Jesus: *O pequeno caminho de confiança* – Fr. Francisco, ocd [🔗](#)



COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO
DOS CARMELITAS DESCALÇOS

A PORTA DO CLAUSTRO



EDIÇÕES
CARMELO

A PORTA DO CLAUSTRO

Livro com artigos da revista digital *Claustro*.

Disponível nas Edições Carmelo e livrarias católicas nacionais

www.carmelo.pt

Tamanho: 16X23cm

N.º de páginas: 192

Preço: 10,00€

Algures no contexto da Comissão de Comunicação da Província de Carmelitas Descalços surgiu a possibilidade de se erguer um Claustro. Claustro seria – por dar-lhe um nome que identifique uma função – uma espécie de revista digital, dedicada à publicação de um texto semanal, no sítio da Província, o www.carmelitas.pt.

Tal como o corgozinho escorre colina abaixo, assim foi aparecendo semana a semana, sem publicidade, sem ruído, sem artifícios e, contudo, dando de beber às plantas, às flores, às árvores, aos cervos, às formigas, às cigarras, aos passarinhos, e às águias. Sem fazer ruído,

como se impõe a filhos e filhas de contemplativos.

Em A PORTA DO CLAUSTRO publicou-se um texto por colaborador daquela revista digital, e também as colaborações extraordinárias que supúnhamos aparecessem e, felizmente, apareceram. O claustro abriu-se, pois, e agora oferece-nos uma porta. Sinta-se convidado a entrar; proteja-se das agruras do caminho e da inclemência das tempestades. Sente-se algures por aqui e reze, ou medite, ou fique falando baixinho, ou reste simplesmente, sereno e caladinho, em silêncio.

APRESENTAÇÃO DO LIVRO

4 de dezembro de 2022

Domus Carmeli, em Fátima

Com Pe. Joaquim Teixeira, Isabela Neves e Pe. João Rego

As palavras e a música do Natal

Armindo Vaz, OCD

João abre o seu evangelho com uma nota dramática relativa ao Jesus que ele vai apresentar: “O mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o acolheram” (1,10-11). Com o passar dos séculos, o mundo foi-o reconhecendo. Como expressão de reconhecimento, dedicou-lhe capelas, igrejas, basílicas, catedrais, que foi enriquecendo de ouro, cores, mármore, imagens, quadros, vitrais, mosaicos e pinturas. Embora conscientes de que Jesus se identificou com “estes meus irmãos mais pequenos” (Mt 25,40.45) e que ele está em solidariedade com os que mais sofrem, os artistas de todas as épocas e de todas as nações, como que representando-os e dando-lhes voz, encheram templos e museus de evocações do seu nascimento. O canto dos poetas, as cores e a elegância das artes verteram o encantamento da humanidade perante o Natal de Jesus. Se focarmos só a reacção da música, vemos como ela o encheu de sons miríficos e de vozes maviosas. Nem poderia haver Natal sem música, elemento imprescindível para solenizar a grandeza do evento e exteriorizar a alegria da festa. Os séculos fizeram da ligação entre música e Natal um binómio indissociável.

Os primeiros cânticos natalícios foram compostos em função da liturgia cristã. No I milénio o canto gregoriano brindou-a de inumeráveis melodias, que inicialmente eram executadas pelas *scholae* e pelos monges e escutadas pelos fiéis em silêncio. Do séc. XI em diante também se compuseram, ainda em latim, melodias populares, que depois foram sendo traduzidas para as línguas medievais, com adaptações e reelaborações. Eram cantos para-litúrgicos que integravam peças dramáticas de teatro sobre o Natal, representadas nas igrejas e nos adros da Europa medieval. Nalgumas regiões chamavam-se *Mistérios de Natal*, que no séc. XVI evoluíram para o nome de *pastorais*. No vasto repertório musical natalício, temas provenientes dos respectivos âmbitos culturais assumiram caracterização distintiva, como os *carols* ingleses, os *noël* franceses, os *canti di questua* italianos, os *villancicos* espanhóis e os *vilancicos* portugueses. Em 1582, quando Teresa de Ávila, que reelaborou *villancicos*, morria em Alba de Tormes, um finlandês publicou 17 *Canções piedosas*, tradicionais, de Natal. Inspiraram posteriores músicos nórdicos. Algumas ainda se cantam hoje. E por todo o mundo cristão paráfrases dos evangelhos transformaram-se em poesia, sublinhando a dimensão humana do neonato que deu voz a Deus. Outros cantos aliavam a frágil humanidade do menino à sua onipotência de Deus, a virgindade de Maria à realeza do recém-nascido, o silêncio de José ao “coro celeste que louvava Deus” (Lc 2,13). A música contemplativa tomava consciência da grandeza do *acontecimento Natal*.

A um dado momento, a música culta enriqueceu a tradição de cantatas, corais, oratórias... Já em 1690, Corelli legou-nos o seu *Concerto grosso n.º 8, fatto per la notte di Natale*, cheio de espiritualidade. Em 1716 a *Cantata pastorale per la Natività*, de Alessandro Scarlatti, mandava uma mensagem de paz a todo o mundo. Mais célebre é o monumental *Weihnachts Oratorium* (1734-35) de Bach, seis cantatas para o tempo de Natal, em que vozes e instrumentos concorrem para caracterizar os temas tomados de Mateus 1-2 e de Lucas 1-2. A 1739 remonta a melodia de Felix Mendelssohn, *Ouvi! Os anjos do arauto cantam*.

Mas a jóia musical do tempo do Natal é a grandiosa oratória *Messias* (1741), de Händel, que une magistralmente o canto polifónico à orquestra. Embora cubra toda a vida de Jesus, ficou inextricavelmente associada ao Natal, em virtude do esplendente *Aleluia*. Depois de citar Isaías 7,14 (relido por Mateus 1,23) no recitativo “eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, que será chamado com o nome de *Emanuel*, que significa *Deus conosco*”, remete para outra página de Isaías (9,1-5), que se abre com uma estrofe de luz e de alegria, como se o profeta lido no Advento e profeta da



Adoração dos Pastores

Jorge Afonso, retábulo da Igreja da Madre de Deus, M. N. Arte Antiga – séc. XVI

esperança, em contraponto com Mateus 4,15-16, intuísse uma nova criação: “O povo que caminhava nas trevas viu uma grande luz; para os que viviam em terra de sombras brilhou uma luz; multiplicaste a alegria, aumentaste o júbilo”. A primeira narração da criação divina já começava assim: “Deus disse: ‘Faça-se a luz’. E a luz foi feita” (Gn 1,3). O Natal de Jesus é assim entendido como inauguração de uma nova humanidade, de uma humanidade salva pelo nascimento do absolutamente novo. As causas da alegria irrefreável eram a libertação da opressão dos tiranos, a paz sustentada e *Deus conosco*, “porque um menino nasceu para nós, foi-nos dado um filho...: o seu nome será *Príncipe da paz*”. Para a tradição bíblica é este o retrato completo do Messias.

Se Händel é vibrante, Mozart faz-nos estremecer com a incomparável harmonia do *Ave verum Corpus natum de Maria Virgine*, de 1791. O séc. XIX abunda em corais e cantatas, que refrescavam o fulgor do mistério natalício. Como as alemãs, também se compuseram oratórias francesas sobre o Natal. Berlioz em 1854 compôs *L'enfance du Christ*. Como ele, também Saint-Saens compôs *Oratorio de Noël* sobre um texto latino. Para Dezembro de 1876, Tchaikovsky escreveu a valsa *Natal*. Até no séc. XX a mensagem natalícia foi musicada. Messiaen compôs em 1935 *La Nativité du Seigneur* e em 1944 *Vingt regards sur l'Enfant Jésus*, olhares que pousam nele, desde o olhar bondoso do Pai ao olhar doce da mãe, desde o dos anjos ao dos magos. Perosi († 1956) compôs com profusão melódica *Il Natale del Redentore*. E com a *Sinfonia n.º 2 'de Natal'* (1980) Penderecki recuperou a clássica forma da sonata.

Ocupados com a grande música, não podemos esquecer as populares melodias *Adeste fideles* (atribuída a D. João IV), *O Tannenbaum* (que remonta ao séc. XVI ou XVII), *Tu scendi dalle stelle* (de S. Afonso Maria de Ligório, em 1754, difundida como pastoral), *Gloria in excelsis Deo* (tradicional francesa, de autor desconhecido, do séc. XVIII), *Stille Nacht*, de Franz Gruber, executada por primeira vez em 24.12.1818 (declarada ‘património cultural imaterial da humanidade’ pela UNESCO em 2011). Estas melodias vão evidenciando a expansão – ou distanciamento – da representação sagrada do Natal para uma representação humana ou profana, que sublinha outros elementos: a neve, o pinheiro ou abeto, o Pai-Natal e a renas... Esta tendência alastra mais nos séculos XX e XXI, como no famoso *White Christmas*, que na versão original só canta a nostalgia pelo Natal com neve. De qualquer modo, a música emerge como símbolo de procura e de compreensão da fé, contemplando o menino Jesus como vindo não só de humanos mas também de Deus e vendo-o como *Deus conosco*.

Retiro online de Advento 2022

Santos do Carmelo



Os Carmelitas Descalços oferecem de novo um retiro *online* de Advento, com o tema: «Acolher a presença de Deus nas nossas vidas na escola dos Santos do Carmelo». Neste retiro de preparação para o Natal de 2022, em cada semana, será meditado o Evangelho dominical, com a ajuda de um santo carmelita ou da especial devoção da Ordem, como: Santa Teresa de Jesus, São João da Cruz, Santa Teresa do Menino Jesus, São José e a Virgem Santa Maria. As meditações foram preparadas pelos Carmelitas da Província de Paris e traduzidas para português. Os exercícios espirituais carmelitas *online* são gratuitos e de livre acesso na página em: www.esercizi-online.karmel.at

Retiro de Advento 2 a 4 de dezembro

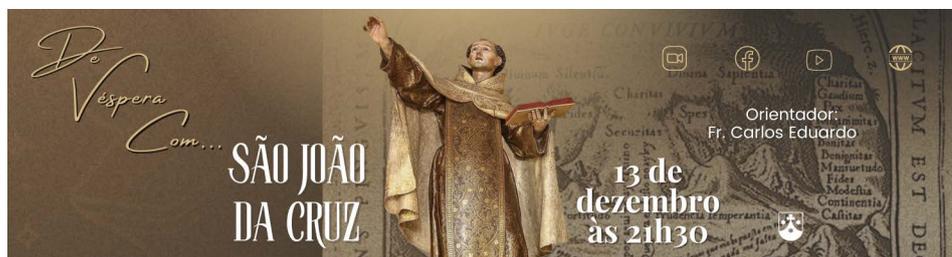
Carmelo Secular



Para ajudar neste caminho de reflexão para a celebração do Natal, o Carmelo Secular programou um retiro de Advento, a decorrer de 2 a 4 de dezembro de 2022, na Domus Carmeli, em Fátima, com o tema "Uma viagem com Maria" e orientado pelo Pe José Arun, Ocd. Estando o retiro pensado e estruturado para os membros do Carmelo Secular, leigos e famílias, está também aberto a todos aqueles que desejem viver o tempo de Advento e preparar o Natal com um verdadeiro sentido cristão.

De Vésperas com...

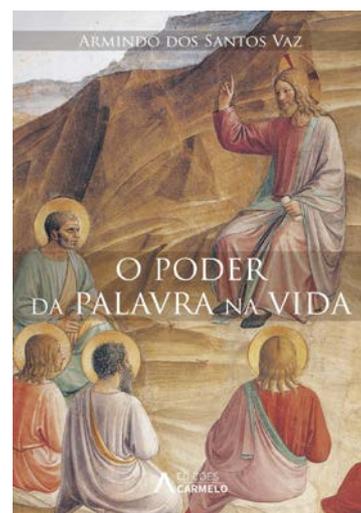
São João da Cruz: 13 dezembro de 2022



Ao aproximar-se a Solenidade de São João da Cruz, a Ordem Carmelita quer celebrar com toda a família esta festa litúrgica. Além das celebrações litúrgicas, também haverá no dia 13 de dezembro, pelas 21h30, uma transmissão *online* com um momento mais formativo a cargo de Fr. Carlos Eduardo. Será transmitido nas diferentes plataformas da Ordem os Carmelitas em Portugal. Como vem sendo hábito, esta atividade pretende dar a conhecer e celebrar as festas litúrgicas dos santos carmelitas e suas figuras de referência, como a Virgem Maria e São José. Os Carmelitas Descalços irão continuar a apresentar, ao longo do ano pastoral 2022-2023, uma comunicação, via *online*, na véspera da solenidade, festa ou memória do respetivo santo, assinalado pelo calendário litúrgico. Este tema alusivo a cada santo terá a duração de cerca de 50 a 60 minutos e será orientado por vários membros da família carmelita.

O Poder da Palavra

Armindo dos Santos Vaz



A palavra, especial instrumento do espírito para 'dizer' a vida do corpo e da alma, tem uma vida própria quando ressoa como eco da Palavra transcendente, que, segundo a fé bíblica, desceu até aos humanos na pessoa de Jesus de Nazaré. As meditações deste livro querem ajudar a fazer a interpretação da palavra bíblica em fragmentos de vida, colada à exortação do discípulo que escutou em directo a Palavra e experimentou em pessoa o Amor: "não amemos de palavra nem com a boca, mas com obras e segundo a verdade" (1Jo 3,18).

Publicação: Edições Carmelo

claustr@

A simplicidade da arte ao encontro da vida de um cristão.

Marlene Tavares fala-nos da tendência de muitas correntes artísticas que passam pela busca do essencial e do simples e exemplifica-o na pessoa do compositor estónio, Arvo Pärt. Parte depois para a comparação de que o cristão deveria, ao exemplo de Cristo, primar pelo que é simples e verdadeiro e que leva à renúncia dos exágeros.

Ameaças climáticas sobre a vida da terra? Nicole Vareta aborda o tema da Conferência das Partes, ou COP27, que são na atualidade as mais importantes conferências anuais sobre o clima do planeta. As preocupações orientaram-se mais para o financiamento dos países mais pobres no âmbito da ajuda para a luta contra o aquecimento e a adaptação à mudança climática. A sociedade está atenta ao longo debate entre cientistas alarmistas, com uma possível extinção da vida a longo prazo.

Nicole Vareta aborda o tema da Conferência das Partes, ou COP27, que são na atualidade as mais importantes conferências anuais sobre o clima do planeta. As preocupações orientaram-se mais para o financiamento dos países mais pobres no âmbito da ajuda para a luta contra o aquecimento e a adaptação à mudança climática. A sociedade está atenta ao longo debate entre cientistas alarmistas, com uma possível extinção da vida a longo prazo.



Retiro de Advento

A vida do cristão é um
Advento que prepara a
Encarnação nas almas



Convento de Auessadas
Orienta: Fr. André de Santa Maria
de 9 a 11 de dezembro
Inscrições e informações:
avessadas@carmelitas.pt
255538150



A outra margem

Frei João Costa, OCD



1. Escrevo em novembro da folha caída.

É incrível como quão vivo seja, no contexto em que me movo e rezo, o sentimento de comunhão com as Almas. Atrevo-me até a reconhecer na consciência comum, inclusive naquela mais sócio-cultural que litúrgico-ecclesial, uma portentosa torrente subterrânea de vida. Tem essa torrente muitos veios e até, talvez, nem todos sejam puros e cristalinos, todos cristãos. Um deles é, certamente, a crença na comunhão com as Almas.

Se durante a dura jornada da terra os nossos nos beijaram e amaram – rudes que fossem suas mãos e palavras, eles amaram-nos, sim! –, melhor eles nos amam agora. Não me conclamem a evidências que evidências não demonstrarei, e se as tenho não as mensurarei nem as prestarei para mensurabilidades que as amesquinhem, as empequeneçam ou desdigam.

Mais acordado ou mais vigilante eu ande, mais eu me convenço de que daqui não sou, mas de mais longe, mais longe, mais longe. Se de passagem aqui estou – e isto o compreenderá melhor quem da vida fizer caminho para o céu – então é bem possível que amanhã, sim, amanhã mesmo, já não esteja onde agora estou. É possível, que o próprio do caminho também é terminar. E um dia – enquanto aqui for ora manhã ora tarde ora noite – viva eu já o glorioso dia eterno por todo o sempre, ámen, um dia, dizia eu, viverei já sem nada dever aos laços do sangue e da sede, sem nada dever aos passos, aos cansaços, aos suores. Nesse dia sem laços nem humores, inundado de Sol sem ocaso eu serei. Nesse dia eu sei que amarei a terra que agora amo, os caminhos que agora amo, os ribeiros que agora amo, os outeiros e nevoeiros que agora amo. As gentes e os anjos que agora amo, os peregrinos e saltimbancos que agora amo, as estrelas e a noite que agora amo, as madrugadas e poentes de ribó, e os aleluias e ámens que agora amo.

Nesse dia sem laços melhor amarei o que agora amo. Sei-o pela fé. Sei-o pela esperança. Sei-o pelo amor. Sei

que não posso desejá-lo e tal ser-me negado; assim eu saiba merecer desejá-lo mais que por mérito, por graça.

Só o amor não morre. Ora se só o amor não morre é porque seguirei amando desde o outro lado do rio, desde aquela outra margem; sim depois que o sol se ponha, eu seguirei amando os de esta e os daquela banda. Sei, pois, que da outra margem onde depois me verei e viverei, seguirei amando os daquela, e os que desta ficarem por mais um tempo e meio, descendo rio abaixo. Ou subindo à nascente, não sei bem...

Só o amor não morre e eu seguirei amando.

Seguirei amando os pecadores e os santos, os andarilhos e os anjos, as amendoeiras e os lentiscos. Ora, se depois de atravessar o rio da tribulação eu seguirei amando, então, ali, só poderei amar, bem mais, bem melhor, e bem mais melhor de melhor do que agora amo aqui!

Eu acredito nisso, acredito no amor. Acredito que os que me beijaram no berço e pelos caminhos fora, os que me lavaram os pés e deram a mão, o seguirão fazendo com tanto amor, com tão grande amor, com um amor tão imenso como o mar e o céu juntos, porque me amam e o amor não morre; e amando desde antes, não podem depois querer-me mal, mas muito mais bem do quanto me beijaram ao longo do pó dos caminhos pela terra além, ámen. Como posso duvidar eu disso? Como posso eu duvidar que tendo o amor passado pelo cadinho da morte não saia purificado, melhorado, exaltado, exponenciado ao divino? Sai, sim; e eu sei que as Almas é assim que nos amam, nos velam, nos beijam e estimam, nos estimulam, nos tomam nos braços, amparam e abençoam para que crescamos!

Se na terra o bem querer nos faz levar pelos caminhos do bem, então as Almas...

2. Escrevo em novembro, de rosto e alma voltados já para o Natal.

No chão do presbitério da igreja está uma alcofa fofa com uma bíblia aberta. E uma chupeta. Uma jovem mamã grávida assim o pediu! E repetindo-nos, assim o fizemos nós, pois o Mistérioolveu-se menino para ser amado sem medo. E deixando-se amar e beijar por nós, Ele nos provou e abençoou.

Escrevo virado para o Natal, mas não é ainda Natal. É espera. Apenas espera. Em esperanças nos encontramos nós, tal como a jovem mamã. Em novembro. É deste novembro das Almas que saco o que a seguir mais direi.

3. Mês das Almas.

Tal como há o das sementeiras, há o das podas. Tal como o do pousio, o dos frutos. Assim o da Ressurreição, assim o das Almas. Vamos pelo caminho das Almas que, por alguma razão, a alma portuguesa tantas alminhas semeou pelos nossos caminhos além, ámen.

Como por nós bem sabido é, as representações dos santos de Deus são modos de sublinhar ora esta ora aquela característica, com a intenção de que por ela seja dito a quem os contempla, em imagens ou pagelas, aquela particularidade que melhor os define e distingue dos demais. Esta ou aquela particularidade é, pois, uma fala; atentemos, por isso a que hoje singelamente quero evidenciar.

Sempre me impressionaram os santos com um pau nas mãos de ponta cimeira recurva e um chapéu em bico apontando para o alto, tal como me impressionaram os que se apresentam com uma palma nas mãos, ou os que se fazem acompanhar de grossos livros, e aqueloutros com o Menino Jesus ao colo. Uns e outros e os demais, cada um em sua classe, e com o símbolo correspondente nas mãos, sempre porém bem os distingui do homem com uma serra e uma enxó por perto. Se, porém, a mulher dele nunca a vi representada com panelas, sertãs e tachos pelo rodopio das saias, creio não dever perder pela demora.

Uma coisa, pois, é certa: os santos que mais e há mais tempo me impressionam são os que se nos apresentam com uma caveira na mão! Sim, muito me surpreende aquela alva caveira com três buracos e os dentes a rir para nós. Como desde miúdo me impressionam esses santos assim representados!

Sempre a visão da caveira me repulsou, embora agora melhor a leia e a entenda: A verdade é que aqueles santos assim representados, algo nos quiseram ensinar, e por isso assim no-los apresentam. Mormente com a caveira posicionada no antebraço, estão eles a dizer-nos terem sido homens e mulheres – embora maioritariamente apareçam os homens – que passaram grande parte das suas vidas em considerações sobre a morte!

4. Ora, cabaças! E quem é que hoje quer pensar na morte?

5. Ninguém! Ou talvez o Papa, ou apenas alguém ainda mais santo que ele!

6 Para a mentalidade dos dias de hoje existem melhores considerações em que utilizar o tempo, nomeadamente em nada considerar. Não é de todo inútil, porém, pensar-se no fim e na morte. Pelo contrário. Mal algum não há em perspectivarmos o nosso fim, como se morrêramos hoje.

Sei que muitos muito se assustam em pensar tal, mas que mal haverá em pensar nisso, nomeadamente nas coisas que restariam diferentes depois da nossa morte?

Muitos se recusam a tal, sim, por tal ser o pavor que o assunto lhes acomete. Mas se hoje tanto se assustam, por não estarem preparados para morrer, melhor estarão amanhã? Se não sabes se depois aqui não és, por que deixar para amanhã o que com proveito hoje devas fazer? Pensa nisso hoje, sim, que não é que amanhã seja tarde; ou melhor seja dito: bem pode ser que amanhã mais asoberbado possa ser o dia e boa oportunidade se perderia. Sim, pensa nisso hoje, que no pensar nos distinguimos das cigarras, e assim, encarando de frente o assunto, mais verdadeiro serás; que uma coisa é certa: de todos em todos os modos, a vida neste mundo é passageira.

(Tão passageira que não sei se assinarei este texto...)

7. No Evangelho deste domingo – o XXXII do Tempo Comum do Ciclo C – escutaremos a voz de Jesus reafirmando o nosso Deus como um «*Deus de vivos*», jamais de mortos, por que para «*Deus todos estão vivos*» (Cfr Lc 20:27-38). Ora, se Jesus o diz, quem seremos nós para o negar? É verdade, não o podemos negar. Não é certo, porém, que de coração aberto e pacificado inteiramente assumamos tais palavras de Jesus; e por duas razões: i) É verdade que este mundo é injusto e passageiro, mas também é verdade que nos assustamos com o desconhecido, pois ninguém gosta de dar um pulo no vazio; que haverá, afinal, do lado de lá da morte? Que nos espera do lado de lá? ii) E mais: A verdade é que este mundo passa; porém, por qual razão nascemos nós para um mundo passageiro? Que justiça há em que se nos dê uma coisa que em breve nos será tirada? É incompreensível e assustador.

8. As respostas a estas perguntas são complicadas e nada consensuais. Para uns, nada existe do lado de lá do salto da morte; logo nada esperam, por nada lutam; para outros, existe, sim, pois é-lhes inconcebível o nada, o vazio, o desaparecermos num poço sem fundo. A mim também. Para mim, até a breve existência duma florinha tem sentido, quando mais a nossa! É verdade que eu já fui jovem, que me fui a-percebendo de mim no abrir e no escancarar dos olhos, e no ver-me crescer. E agora... Agora vejo-me a mirrar, o corpo a falhar, deteriorando-se mais e mais, a cada ano que passa, respondendo pior. Já sinto isso, sim.

Nunca me senti eterno, mas anos houve que me duraram uma eternidade a passar; agora, meu Deus!, agora, quando de manhã acordo, já é Dia de Finados! Cada vez me dou mais conta que não poderei contar com o meu corpo para sempre: antes nunca tinha frio, saltava como um cabrito, perseguia em campo um avançado com a fúria de uma chita, dormia até ao meio dia. Agora não, agora é mais sofá, mais leitura, menos memória, menos agilidade, mais artroses. Isto apaga-se, é o que de mim vou considerando! Cada vez mais vou pensando que um dia terei de dispensar o meu corpo. Claro que o assunto não me é pacífico, que tal me vai custar muito. Afinal, é ao espelho que me reconheço careca e de barbas; que sei que sou obeso e de olheiras profundas. Enfim, mas lá que vou ter de dispensá-lo, lá isso vou!

9. Um dia apagar-se-me-ão as energias do meu cérebro, morrerá a candeia dos meus olhos, a lâmpada da minha consciência, o fio da minha voz. Mas não será o fim, que de mim algo restará – eu mesmo!

10. Não me perguntem como serei do lado de lá, que eu não sei como serei. Quero-me, sim, com memória, com carinho e ternura pelos que amei, com gratidão pelos que me ajudaram, com beijos quentes, de coração a coração. Quero-me não sei com que saberes, mas até nem importará muito o que saiba ou não, importa-me, sim, hoje e além, ámen, amar e ser amado, amar a terra que me amamentou, as ervas que me fizeram cócegas na planta dos pés, os bichos tão diversos que me surpreenderam nas voltas do caminho, o céu que me fez ousar. Quero-me com sonhos, embora auspicio que o que me aguarda não caiba dentro de sonho algum. Quero-me saber eu, eu mesmo, eu que aprendi, que cresci, tomei pão nas mãos e o abençoei, e distribui. Quero-me saber eu, jamais

difuso, jamais diluído. E quero-me agradecido a meus pais e a meus irmãos, aos meus amigos e benfeitores, a quem, mesmo com sofrimento ou tédio, me ensinou a ser homem. E mais isto humildemente peço ao Deus dos vivos: quereirei saber-me filho de um homem e de uma mulher. Nunca um deus.

11. Hoje e por todo o sempre me recuso a ser como uma onda do mar que se esvai e perde na areia, ou se parte nas rochas. Não me quero fracassado, não serei fracassado. Não me quero sem-sentido nem imerso e inapto no absurdo. Quero a Deus, o Abbá de Jesus e meu, Aquele que por meu Irmão Mais Velho me prometeu uma mansão. Não, não preciso que seja uma mansão, basta que haja uma porta onde o Vivente esteja de braços abertos para à chegada me abraçar! Que se Ele é vivo, como há-de Ele querer-me morto para sempre?

Eu quero o Deus dos vivos!

Amen!

JORNADA PASTORAL

com Santa Teresinha do Menino Jesus

O PEQUENO CAMINHO DE CONFIANÇA

21 de Janeiro de 2023

25 de Março de 2023

Orienta:

Frei Francisco, OCD

Frei Marco, OCD



Convento do Carmo | Viana do Castelo | Portugal | 9h - 16h